

CURSO BACHARELADO DE PSICOLOGIA

NAILA SUELEN COLETO

A influência das figuras parentais no desenvolvimento infantil: uma perspectiva winnicottiana.

NAILA SUELEN COLETO

A influência das figuras parentais no desenvolvimento infantil: uma perspectiva winnicottiana.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Bacharelado em
Psicologia da Faculdade de Apucarana –
FAP, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Me. Chiara Ferreira da
Silva

NAILA SUELEN COLETO

A influência das figuras parentais no desenvolvimento infantil: uma perspectiva winnicottiana.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia, com nota final igual a _____, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof
Mestre Chiara Ferreira da Silva

Prof
Especialista Amanda Maria de Ramalho

Prof Especialista Taila Tatiane Garcia

Apucarana, 02 de Dezembro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de muitas mãos, olhares e afetos. Agradeço, primeiramente, à Deus e Nossa Senhora que ouviram e responderam minhas incontáveis orações; minha família que presenciou todo o processo, mesmo não entendendo exatamente o que eu tanto escrevia; ao meu namorado que me ofereceu amor e respiro quando tudo que eu via era tempestade; aos meus amigos que foram alicerce essencial no trajeto pesado e estiveram comigo quando o desespero apareceu. Todos, sem exceção, foram e ofereceram um lugar seguro nos dias difíceis para seguir adiante. Obrigada por acreditarem em mim antes mesmo que eu acreditasse.

Agradeço as minhas orientadoras, Rafaela e Chiara, pela paciência, pela dedicação e pela confiança no meu percurso, foi essencial para que este trabalho se tornasse possível.

Agradeço também a todos os professores que tive o privilégio de conhecer durante a graduação e que além de ensinar conteúdos acadêmicos, ensinaram sobre afeto e humanidade.

Por fim, agradeço a mim mesma, pela coragem de continuar, pela persistência em meio às incertezas e por transformar desafios em aprendizado. Descobri que crescer não é sobre nunca fraquejar, mas sobre encontrar sentido mesmo quando o caminho parece maior que a gente. Vencemos!

“Seja você mesmo, porque todos os outros
já existem”

Oscar Wilde

A INFLUÊNCIA DAS FIGURAS PARENTAIS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA.

COLETO, N.S.¹
SILVA. C.F.²

RESUMO: As primeiras interações do sujeito com seus objetos e a internalização das experiências vividas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento psíquico, podendo deixar marcas inconscientes significativas. Nesse processo, a influência das figuras parentais é essencial para a constituição do self e para o estabelecimento de relações interpessoais saudáveis ao longo da vida. Diante disso, este trabalho tem como problemática compreender como a psicanálise analisa as influências das figuras parentais no desenvolvimento emocional infantil. O objetivo é aprofundar no desenvolvimento emocional mediado pelas figuras parentais durante a infância, fundamentado à luz da teoria winnicottiana. Para isso, o estudo aborda conceitos como figuras parentais no desenvolvimento emocional infantil, o ambiente facilitador e a construção do self. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica integrativa, com base em autores da psicanálise, por meio de artigos científicos e pesquisadores online. Os resultados indicam que as influências parentais exercem papel fundamental na constituição psíquica e no desenvolvimento infantil, tanto no âmbito emocional quanto psicológico. A conclusão do estudo aponta que relações parentais baseadas em cuidado, atenção e presença emocional, a criança desenvolve segurança e confiança, podendo expressar seu verdadeiro self. Em contraste, relações marcadas por negligência ou violência enfraquecem o psiquismo, levando a criança a criar um falso self para se adaptar ao ambiente hostil.

Palavras-chave: Psicanálise. Winnicott. Desenvolvimento emocional. Figuras parentais. Ambiente facilitador.

ABSTRACT: The subject's first interactions with their objects and the internalization of lived experiences play a fundamental role in psychic development, potentially leaving significant unconscious marks. In this process, the influence of parental figures is essential for the constitution of the self and for the establishment of healthy interpersonal relationships throughout life. Therefore, this study addresses how psychoanalysis examines the influence of parental figures on emotional development in childhood. The objective is to deepen the understanding of emotional development mediated by parental figures during childhood, based on Winnicott's theoretical perspective. To achieve this, the study discusses concepts such as parental figures in emotional development, the facilitating environment, and the construction of the self. It is qualitative research developed through an integrative literature review, using psychoanalytic authors, scientific articles, and online research sources. The results indicate that parental influences play a fundamental role in psychic constitution and child development, both emotionally and psychologically. The study concludes that parental relationships based on care, attention, and emotional presence allow the child to develop security and confidence, enabling the expression of their true self. In contrast, relationships marked by negligence or violence weaken the psyche, leading the child to create a false self in order to adapt to a failing environment.

Keywords: Psychoanalysis. Winnicott. Emotional development. Parental figures. Facilitating environment.

¹ Naila Suelen Coletto

² Chiara Ferreira da Silva

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil é um processo complexo que vai da dependência absoluta à independência relativa (Dias, 2024). Segundo Sehn e Lopes (2017), nos primeiros meses de vida a mãe vivencia a preocupação materna primária, dedicando-se inteiramente ao bebê. Depois, inicia-se a fase de dependência relativa, marcada pelo contínuo desenvolvimento rumo à independência (Dias, 2024). Ainda que sejam termos relacionais, o desenvolvimento do sujeito sempre pressupõe a presença de outro ser humano (Ibidem).

Este trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo elucidar como a psicanálise winnicottiana compreende as influências das figuras parentais no desenvolvimento emocional infantil. Para Winnicott (1896-2022), o desenvolvimento saudável depende de um ambiente suficientemente bom, no qual a mãe, considerada o primeiro ambiente do bebê, consiga atender de forma adaptada e fusionada às suas necessidades nas fases iniciais da vida, por meio de uma identificação com o lactente. O desenvolvimento emocional, portanto, não ocorre de forma isolada, mas sempre em relação ao outro, especialmente à mãe, que desempenha funções de cuidado físico e psíquico (Winnicott, 1958/2022).

O interesse por este tema surgiu do desejo de compreender como as figuras parentais influenciam o desenvolvimento emocional da criança, especialmente nos primeiros anos de vida. A forma como ela é sustentada emocionalmente por seus cuidadores contribui significativamente para sua constituição psíquica, sua capacidade de criar vínculos e desenvolver um si-mesmo. Estudar essas influências na infância possibilita intervenções mais qualitativas e eficazes, além de ampliar a compreensão sobre o desenvolvimento humano, favorecendo uma atuação clínica mais empática e assertiva. De modo geral, observa-se nos trabalhos analisados que existe um consenso sobre a importância de oferecer à criança um ambiente favorável para a segurança e desenvolvimento de um psiquismo saudável, e que as implicações e influências das funções parentais são importantes nesse processo, explorando a importância da sustentação dessas relações iniciais de adaptações e ambiente suficientemente bom.

METODOLOGIA

Para o levantamento das informações, este estudo teve como base a pesquisa bibliográfica qualitativa de cunho teórico, baseando-se no autor da psicanálise: Winnicott, com foco na revisão de literatura, na área de psicologia. Atribuindo a seguinte base de dados: Google Acadêmico.

Foram incluídas produções científicas que apresentavam a temática, escritas em português, com disponibilidade de textos completos e gratuitos em suporte eletrônico, compreendidos no período de 2022 a 2025. Foram excluídas produções científicas que não se encaixavam no tema elaborado, em língua estrangeira, que eram disponibilizadas em textos incompletos, pagos e fora de suporte eletrônico. A pesquisa foi realizada no banco de dados do Google Acadêmico, utilizando os descritores “Winnicott”, “desenvolvimento infantil” e “influência parental”, combinados com a expressão *booleana* “and”.

A seleção de artigos foi baseada na relevância para o tema central do estudo e na contribuição para a compreensão do problema de pesquisa.

Figuras parentais no desenvolvimento emocional infantil

“Não existe bebê, existe um bebê e alguém.”
Donald Woods Winnicott (1971)

Desde a fase uterina até as primeiras semanas de vida, a mãe adentra em um estado de preocupação materna primária, dedicada ao bebê que é capaz de interpretar suas necessidades a partir de suas experiências inconscientes (Winnicott, 1963/2022). De acordo com Silva (2016) as primeiras interações entre mãe e bebê se iniciam desde o nascimento e se fundamentam em uma comunicação recíproca que se desenvolveu ainda no período gestacional. Nesse processo, estabelece-se uma relação de confiança e mutualidade, na qual o bebê reconhece a voz e o calor da mãe, continuando a vivenciar aspectos da interioridade materna.

Winnicott compreende que o amadurecimento humano se inicia a partir de um estado de não integração e de dependência absoluta, sendo impulsionado por uma tendência natural ao crescimento e à integração da personalidade em uma unidade psicossomática (Lescovar, 2004). No entanto, essa tendência só pode se

concretizar em uma ambiência suficientemente boa, inicialmente proporcionada pelo cuidado materno e “é essa relação que constituirá o psiquismo do bebê, seu mundo interno, seu interior e seu self” (Silva, 2016, p. 32).

De modo geral, compreende-se que a infância é uma etapa vivenciada por todos, podendo-se considerar, ainda, que ela não deixa de nos acompanhar ao longo da vida, uma vez que “o infantil é a pasta básica do inconsciente que nos conforma, usina que fornece a energia para todas as ações transformadoras do mundo, que permitem torná-lo um lugar melhor para se viver” (Filho; Cossetin, 2024, p. 5).

Winnicott em sua teoria atribui o termo integração “tanto para designar a tendência inata ao amadurecimento, que leva ao estatuto unitário, como para as várias integrações parciais que vão ocorrendo gradualmente ao longo da jornada, a partir do estado de não-integração” (Dias, 2024, p.176), sendo essa a primeira condição básica para o funcionamento psíquico que precisa ser estabelecida logo no início da vida.

A figura materna assume uma função essencial, de onde precisa ocupar um espaço central na vida psíquica do bebê, visto que a mãe antecipa os desejos, interpreta-os e nomeia aquilo que é apenas uma sensação, executando papel de ego auxiliar, e “na medida em que a mãe utiliza de seu ego auxiliar, o bebê inicia a integração do ego” (Souza; Franca, 2023, p. 8). A mãe que consegue se adaptar às necessidades do bebê, pode oferecer uma vivência facilitada nesses primeiros meses de vida, amenizando ameaças de aniquilação, pois o “bebê sente a falha como uma ameaça a sua existência pessoal, posto que não reconhece a mãe como entidade separada” (Duarte, 2005, p. 50).

Essa relação mãe-bebê é uma aliança fundamental para a integração de um ser a partir da disponibilização de um ambiente facilitador. Essa adaptação absoluta oferecida pela mãe, pode ser reconhecida como temporária, pois nos momentos iniciais da vida, mãe e bebê são primordialmente fundidos, ou seja, o bebê e o ambiente formam uma unidade (Kloutau, 2002) contribuindo para uma relação primordial de identificação dos desejos do bebê, sustentando sua onipotência e ilusão. Quando o bebê conta com uma mãe suficientemente boa, capaz de apresentar o seio quase como por magia, ele constrói a ilusão de ter criado o objeto no exato momento em que dele precisava (Naffah Neto, 2011). Essa ilusão “é um modo mediado de apresentação do mundo que o simplifica na medida exata que o bebê o suporta, até que o bebê possa encontrá-lo de maneira mais objetiva” (Velano; Fulgêncio, 2022, p.

211). Entretanto, “com o tempo, surgirá, na criança, a compreensão de que não é ela que cria, efetivamente, o mundo, mas que a existência do mundo é anterior e independente dela” (Souza; Franca, 2023, p. 8).

Esses cuidados oferecidos pela mãe-ambiente, correlacionado a tendência de desenvolvimento do bebê, permite que o *self* seja construído gradativamente (Kloutau, 2002). Ao mencionar o conceito winnicottiano de “mãe suficientemente boa”, Dias (2024) aponta que a mãe suficientemente boa é aquela que atende o bebê na medida exata de suas necessidades, sem buscar corresponder a ideais pessoais de perfeição. Trata-se de uma mãe real, que permanece sendo ela mesma, falível porque humana, mas justamente por isso, torna-se uma figura confiável para o bebê.

Com o avanço natural do tempo, essa dependência absoluta e suas adaptações vão se tornando menores e menos exigentes e “é importante que, ao longo do desenvolvimento, ela consiga sair da dependência e permita que a criança caminhe em direção a uma maior independência” (Sehn; Lopes, 2019, p.2).

É valioso ressaltar que essa figura materna executa algumas funções práticas durante esse desenvolvimento primário do bebê, como o *holding* (sustentação), conceito introduzido por Winnicott, que podemos descrever de acordo com Silva (2017) que o *holding* consiste na proteção do bebê contra agressões fisiológicas, como ao toque, à temperatura, aos estímulos auditivos e visuais, e à sensação de gravidade, em um momento em que ele ainda não possui consciência da existência de algo distinto de si mesmo.

Outro cuidado materno é nomeado como *handling* (manejo), que explicitado por Lescovar (2004), trata-se da experiência corpórea para o alojamento da psique no corpo facilitado pelas experiências mãe-bebê, visto que essa interação entre a díade, é mediada pelo contato corporal e também pelas interpretações maternas das manifestações corporais do bebê como formas de comunicação pessoal.

Esse toque, no decorrer do tempo, permite ao bebê uma personalização, que é designado justamente para demonstrar que “estas experiências permitem ao bebê habitar, mesmo que momentaneamente, no corpo, favorecendo a associação psicossomática e contribuindo para o sentido de “real” - de realidade do si-mesmo” (Dias, 2024, p. 189), e aqui podemos dizer que o cuidado físico é também cuidado psicológico (*Ibidem*).

Outra condição fundamental é a realização, que se refere à experiência de perceber o mundo externo como algo que existe independentemente do indivíduo (Nápoli, 2018). Embora essa função possa parecer óbvia, o bebê, ao nascer, não possui essa percepção, uma vez que se encontra em um estado de ilusão de onipotência, como mencionado anteriormente, acreditando ser o criador de todos os objetos de desejo. Gradualmente, essa condição vai sendo conquistada por meio das pequenas frustrações proporcionadas pela mãe e pela realidade, uma vez que o bebê começa a perceber que, para que o objeto (como o seio, por exemplo) surja, não basta apenas a necessidade, é necessária uma ação do próprio bebê (Velano; Fulgêncio, 2022).

A função paterna também é reconhecida e admirada nesse contexto, visto que o pai, mesmo que indiretamente, participa dessa relação mãe-bebê e “Winnicott atribuiu ao pai e à família a função de proporcionar à mãe a segurança necessária à realização da acolhida segura e tranquila do recém-nascido” (Ferreira; Vaisberg, 2006, p. 137) e a qualidade a qual ele oferece no desenvolvimento maturacional do bebê é de extrema importância, principalmente no cuidado do ambiente em que a díade mãe-bebê está inserido. Ao tratar do cuidado direto com o bebê, o pai pode desempenhar no ambiente a entrada direta na vida do filho como mãe-substituta (Rosa, 2009) e conforme elucida a autora no sentido de substituto, é válido ressaltar que nas fases primitivas, como a de dependência absoluta, o bebê ainda não reconhece o pai como um terceiro pois ainda não é integrado e somente após o crescente amadurecimento o bebê irá começar a entrar em contato com os aspectos do pai. Conforme Santos, Barbieri e Santos (2020) quando o pai assume funções de mãe-substituta, ele precisa realizar uma regressão às próprias experiências de cuidado vividas na infância, permitindo que seus aspectos maternos venham à tona. Esses aspectos, ligados ao seu elemento feminino puro, são fundamentais para a constituição do sentido de existência do bebê.

Sobre o “elemento feminino puro” do pai, Winnicott destaca que, no início da vida, o indivíduo vivencia experiências muito primárias e constitutivas do si-mesmo, nas quais a sensação de ser está ligada à identidade e à vivência de ser o próprio objeto. Tais experiências dizem respeito às necessidades mais fundamentais do ser humano de sentir-se e ser real (Winnicott 1971 *apud* Rosa, 2009), além de utilizar suas experiências de ter sido criado por uma mãe quando bebê (*Ibidem*).

Winnicott ao longo de suas obras, realça que é inato no sujeito a tendência de integração, porém “para que se realize, o bebê depende fundamentalmente da

presença de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons” (Dias, 2024). Ou seja, “há uma tendência que leva o indivíduo à integração – a constituição de uma identidade unitária e ao estabelecimento de relações com o mundo e com os objetos externos” (Costa, 2020, p. 17), entretanto essa integração pode ou não acontecer, tudo irá depender do encontro do bebê com o ambiente (*Ibidem*). Sem esse ambiente que sustenta e facilita os processos de amadurecimento, o bebê não consegue sequer existir. A mãe facilita um processo que já pertence ao bebê (Dias, 2024). Nesse sentido, a autora ainda ressalta que o ambiente facilitador precisa evoluir junto com o bebê, reduzindo a adaptação ao longo do tempo para permitir que ele se torne mais autônomo.

Construção do *self*

Ao abordar o conceito de *self*, é importante considerar primeiramente os termos *ego* e *self* que Winnicott apresenta no decorrer de suas obras, trazendo distinções relevantes para a compreensão do assunto. O *ego* pode ser compreendido como a tendência integrativa que conduz à formação do si-mesmo, a descrição “da parte da personalidade que tende, sob condições favoráveis, a se integrar em uma unidade” (Winnicott, 1962/2022), ou como aponta Fulgencio (2014, p. 189) o “ego é um conceito, um nome dado a um conjunto de experiências que o indivíduo agrupa numa unidade pessoal”

O *self*, por sua vez, é o resultado dessa tendência integrativa, cuja realização depende da atuação contínua e eficaz desse processo (Dias, 2024, p. 126), “*self* corresponde a experiência da unidade empírica do indivíduo na sua relação com o mundo: “Para mim o *self* que não é o *ego* é a pessoa que é eu, que é apenas eu, que possui uma totalidade baseada no processo de maturação” (Winnicott, 1971/1994c, p. 210 *apud* Fulgêncio, 2014, p. 189). O bebê inicia sua vida em um estado de dependência absoluta, no qual não possui consciência de si como separado da mãe, o *self* ainda não distingue entre dentro e fora. Winnicott (1960d/2011 *apud* Dias, 2024) destaca que o *ego* do bebê é simultaneamente fraco e forte, dependendo do apoio oferecido pela mãe, sendo esse suporte essencial para que a criança possa se tornar verdadeiramente ela mesma.

Conforme o tempo passa e as figuras parentais oferecem um ambiente suficientemente bom, o bebê entra na fase de dependência relativa, em que pequenas falhas graduais permitem que ele espere e lide com frustrações. Nesse processo, a criança começa a perceber a mãe como separada de si, distinguindo o mundo interno (EU) do externo (NÃO-EU), estabelecendo um intercâmbio contínuo e enriquecedor entre ambos (Winnicott, 1963/2022).

Quando há falhas sucessivas do ambiente e da mãe, ocorre privação afetiva, prejudicando o amadurecimento emocional e o desenvolvimento satisfatório da criança, podendo levar à formação de um falso self como defesa, no qual o bebê se adapta às expectativas externas em vez de ser autêntico (Rayane; Souza, 2018; Castros et al., 2020). Galván e Amiralian (2009, p. 53) afirmam que “a existência por meio de um falso self torna a vida esvaziada de sentido e permeada por um senso de irrealidade e de que a vida não vale a pena”, ou seja, “pessoas com predominância de defesa do tipo falso self, de esconder e negar a sua realidade interna, na medida em que a perda ou o abandono, ainda que parcial, do falso self, desperta temores de perda de limites, desintegração, aniquilação” (Mello Filho, 2001 *apud* Galván; Amiralian, 2009).

Para Winnicott, a percepção de si mesmo surge ao olhar o rosto da mãe, destacando a importância do ambiente suficientemente bom na construção da identidade. Na terceira fase, rumo à independência, o self se consolida, a criança adquire autonomia emocional, maior capacidade de lidar com frustrações, criatividade e espontaneidade, encontrando no mundo externo o que já existe dentro de si (Winnicott, 1963/2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do percurso realizado nesta pesquisa, foi possível observar que as influências parentais exercem papel fundamental na constituição psíquica e no desenvolvimento infantil, tanto no âmbito emocional quanto no psicológico. Retomando o objetivo central do trabalho, constatou-se que a qualidade das experiências precoces com as figuras parentais é relevante e essencial para a contribuição da internalização das experiências vividas e guiar o desenvolvimento saudável da criança.

A análise bibliográfica permitiu verificar que práticas parentais pautadas no cuidado, na responsividade e na presença emocional favorecem esse desenvolvimento saudável, proporcionando à criança segurança e confiança em si mesma e no ambiente, permitindo que o verdadeiro self seja explorado e vivenciado,

ao contrário de relações marcadas por negligência, ausência ou violência que tendem a fragilizar o psiquismo infantil, podendo contribuir para dificuldades emocionais, e um falso self, onde essa criança terá que se adaptar ao ambiente falho. Constata-se ainda, que o papel dos pais não se restringe à oferta de cuidados físicos, mas abrange sobretudo a construção de um espaço de acolhimento e simbolização - ambiente suficientemente bom e facilitador - que possibilita à criança elaborar suas experiências e desenvolver recursos internos. Nesse sentido, a pesquisa pode contribuir para desdobramentos futuros acerca da importância da conscientização parental sobre o impacto de suas práticas no processo do desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

COSTA, Rafaela Weyand. **Um olhar para a teoria do amadurecimento e sua interface com os cuidados maternos:** aplicações teóricas e clínicas. 2020. 60f. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso) - Centro Universitário Filadélfia, Londrina, 2020. Disponível em:

file:///C:/Users/Naila%20Coletto/Downloads/TCC_Rafaela%20Weyand%20Costa.pdf

Acesso em: 28 mai. 2025

DIAS, Elsa Oliveira . **A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott.** 5. ed. São Paulo: DWWeditorial, 2024.

DUARTE, Elisa Teixeira. **O fracasso ambiental e os prejuízos à criatividade.** 2005. 127f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8477/8477_4.PDF Acesso em: 5 abr. 2025.

FERREIRA, Marcela Casacio; VAISBERG, Tania M. J. Aiello. O pai 'suficientemente bom': algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Tania-Maria-Aiello-Vaisberg/publication/277998890_O_pai_'suficientemente_bom'_algumas_consideracoes_sobre_o_cuidado_na_psicanalise_winnicottiana/links/624ef8f5ef013420665f2e56/O-pai-suficientemente-bom-algumas-consideracoes-sobre-o-cuidado-na-psicanalise-winnicottiana.pdf Acesso em: 20 maio 2025.

FILHO, Francisco Carlos Santos; COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. O desconhecido íntimo: uma reflexão sobre o infantil, a psicanálise e a educação.

Revista Brasileira de Educação, 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/7xQRKKgJdNShVBCsJ4NVgBS/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em: 19 maio 2025.

FULGENCIO, Leopoldo. Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott. **Estilos Clínicos**, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/estic/article/view/81009/84655> Acesso em: 30 abr. 2025.

GALVÁN, Gabriela Bruno. Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica. **Aletheia**, São Paulo, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200005 Acesso em: 15 dez 2025.

KLAUTAU, Perla. **Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan**. São Paulo: Escuta Ltda, 2002.

LESCOVAR, Gabriel Zaia. As consultas terapêuticas e a psicanálise de D. W. Winnicott. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/tkjt4Vb7GvzWcNLRthFW4Zb/?lang=pt&format=pdf> f

- NÁPOLI, Lucas. *As 3 condições básicas da vida psíquica em Winnicott*. Youtube, 2018, 27:53. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xXNxyil7jIM>

NETO, Alfredo Naffah. A função básica da mãe (e do analista) em Bion e Winnicott, com foco nos conceitos de rêverie e holding. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 2011. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v45n3/v45n3a14.pdf> Acesso em: 20 maio 2025.

RAYANE, Daniele Barbosa; SOUZA, Daniela Heitzmann Amaral Valentim De. Privação afetiva e suas consequências na primeira infância: um estudo de caso. **InterScientia**, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/view/721> Acesso em: 24 ago. 2025.

ROSA, Claudia Dias. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. **Natureza Humana**, 2009. Disponível em: <https://revistas.dwwe.com.br/index.php/NH/article/view/953/757> Acesso em: 28 maio 2025.

SANTOS, Gabriel Aparecido Gonçalves Dos ; BARBIERI, Valeria; SANTOS, Manoel Antônio Dos. O pai e a função paterna na teoria winnicottiana. Rio de Janeiro: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672021000300009 Acesso em: 19 mar 2025.

SEHN, Amanda Schöffel; LOPES, Rita De Cássia Sobreira. A Vivência Materna da Função de Cuidar no Período de Dependência da Criança*. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/MsyccnCCDjV9k9syYR5f56j/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 maio 2025.

SILVA, Nayara Kelly Alves e. **A importância das funções parentais na construção da subjetividade na Teoria Winnicottiana**. 2017. 38 f. TCC (Especialização em Teoria Psicanalítica) – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2016

SILVA, Sergio Gomes Da. Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno- infantis. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200003 Acesso em: 19 ago. 2025.

SOUZA, Julia Takita Camillo de; FRANCA, Marco Antonio de Lima. **A importância da função materna na estruturação do ego segundo a psicanálise winnicottiana.** 2023. 21f. TCC (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia) - Universidade São Judas Tadeu, Faculdade de Ciências Humanas Curso de Psicologia - São Paulo, 2023.

VELANO, Marília ; FULGENCIO, Leopoldo. Ilusão, criatividade e paradoxo: pré-condições para a capacidade de brincar. **Estilos da Clínica**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/estic/article/view/181334/185716> Acesso em: 20 maio 2025.

WINNICOTT, Donald Woods. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador.** São Paulo: Martins Fontes, 2022.